



Teleconferência de Resultado - 1T16
13 de maio de 2016

OPERADORA – Bom dia a todos. Obrigada por aguardarem. Sejam bem vindos à teleconferência do Banco do Brasil para discussão dos resultados referentes ao 1T2016. Conosco hoje estão os senhores José Maurício Pereira Coelho, VP de gestão financeira e de relações com investidores, e Bernardo Rothe, gerente geral de RI do Banco do Brasil. Informamos que este evento está sendo gravado e que todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação do BB. Em seguida, iniciaremos a sessão de perguntas e respostas, quando mais instruções serão fornecidas. Caso alguns dos senhores necessite de alguma assistência durante a teleconferência, queiram por favor solicitar a ajuda de um operador digitando *0. Este evento também está sendo transmitido simultaneamente pela internet, via webcast, podendo ser acessado no endereço www.bb.com.br/ri, onde se encontra disponível a respectiva apresentação. A seleção dos slides será controlada pelos senhores. Lembramos que os participantes poderão fazer perguntas para os executivos do Banco do Brasil, que serão respondidas na sessão de perguntas e respostas ou por e-mail. Antes de prosseguir, gostaria de esclarecer que esta apresentação faz referências e declarações sobre expectativas, sinergias planejadas, estimativas de crescimento, projeções de resultados e estratégias futuras sobre o Banco do Brasil, suas subsidiárias, coligadas e controladas. Estas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do país, do setor e dos mercados internacionais. O Banco do Brasil não se responsabiliza em atualizar qualquer estimativa contida nesta apresentação. Gostaria agora de passar a palavra ao Sr. Bernardo Rothe,



gerente geral de RI, que iniciará a apresentação. Por favor, Sr. Bernardo, queira prosseguir.

BERNARDO ROTHE – Bom dia a todos. Obrigado por participar da nossa teleconferência sobre os resultados do 1T do Banco do Brasil. Eu gostaria de começar no slide 3, onde a gente traz os destaques do resultado nesse trimestre. Então, como vocês podem ver, a margem financeira bruta teve um incremento de 13,7% em relação ao 1T do ano passado. O nosso resultado antes de provisão e impostos teve crescimento de 15,6% no período. Renda de tarifas teve uma evolução de 2,5% trimestre contra trimestre, porém se a gente excluir as receitas de intercâmbio que migraram do Banco do Brasil para Cateno a após a privatização da [03:07] a evolução seria de 10,8%. As despesas administrativas estão sob controle e tiveram um crescimento de 2,5%. O índice de eficiência com tudo isso encerrou no trimestre em 40,8%.

No próximo slide, nós trazemos o lucro líquido do trimestre e os efeitos que levaram o lucro líquido do 4T para o lucro líquido ajustado do 1T e o contábil. Então, no 1T nós tivemos um lucro líquido ajustado de R\$ 1,286 bilhão, com retorno de 5,6% sobre o PL, e os efeitos extraordinários foram de R\$ 1,073 e o lucro líquido contábil R\$ 2,359 bilhões, com retorno de 10,5%. Contudo, nesse trimestre, nós tivemos um caso específico que gerou uma provisão bastante alta, que a gente fez uma reversão de adicional para cobrir essa provisão referida e que teve impacto bastante grande no nosso resultado. Só para exemplificar o que seria o resultado sem esse caso em particular nós teríamos um lucro líquido de R\$ 2,333 bilhões, um retorno sobre o PL de 10,4%.

No slide 5 nós trazemos os dados do resultado estrutural. No 1T2015, os últimos 12 meses chegam a R\$ 36,0 bilhões e no 1T2016 chega as R\$ 40,3



bilhões, um crescimento de 11,7%. Mas nesse caso também vale fazer um ajuste tirando as receitas que migraram do Banco do Brasil para a Cateno e não retornaram na forma de equivalência patrimonial. Fazendo esse ajuste, os R\$ 36,0 milhões viram R\$ 34,8 e o crescimento seria de 15,6%.

No slide 6 temos os indicadores de mercado para ao Banco do Brasil. Então o lucro por ação do Banco do Brasil fechou o trimestre em R\$ 0,83, o dividend yield em R\$ 7,38, o preço-lucro 12 meses R\$ 5,05 e o preço sobre o valor patrimonial em R\$ 0,76.

No slide 7 trazemos a captação comercial e a performance dos principais itens. Como vocês podem ver, a nossa carteira de LCA e LCI cresceu 12,2% sobre o total captado em março de 2015. Já a poupança tivemos um crescimento de 5,4% sobre a massa de 2015, uma carteira estável em relação ao 4T. O nosso índice de carteira de crédito líquida ajustada sobre as captações comerciais se manteve bastante confortável em 92,1%.

No próximo slide, temos as nossas outras fontes de captação que também continuam tendo uma performance boa mesmo apesar de serem competidoras entre si. Então os recursos geridos pela BB DTVM atingiram R\$ 644,0 bilhões, continuamos com o primeiro lugar do ranking, com 22,0% de participação de mercado. E a Brasilprev continua líder em captações líquidas com R\$ 3,7 bilhões no trimestre encerrado em março de 2016.

No slide seguinte trazemos a carteira de crédito ampliada onde vocês podem ver que houve um crescimento de 2,3% em 12 meses saindo de R\$ 758,0 bilhões para R\$ 775,0 bilhões ao final do 1T. As participações das diversas linhas de negócio ficaram em 44,9% para a carteira de PJ, 24,0% na carteira de PF, 23,1% no agronegócio e 8,0% na carteira externa. Como vocês podem



notar, houve um aumento de participação no mix da nossa carteira, na carteira de PF e também do agronegócio, subindo de 22,5% para 24,0% e 21,6% para 23,1% respectivamente.

No slide 10 trazemos as principais linhas da carteira de PF, as linhas de menor risco que temos em nosso portfólio que representam praticamente 76,0% de todo o portfólio. Então o crédito imobiliário teve uma performance boa em 12 meses, crescendo 22,6%, atingindo R\$ 50,0 bilhões ao final do último trimestre. O crescimento foi de 11,5% na carteira com PJ e 26,5% na carteira PF. A inadimplência da carteira apresentou um pequeno aumento mas faz parte da maturação da nossa carteira, que ainda é muito jovem, e não tem ainda 5 anos completos de existência na carteira, e tende a se estabilizar ao longo do prazo à medida que vai maturando o portfólio. No negócio com consignado, vocês podem notar que tivemos um crescimento de 4,6% atingindo R\$ 62,6 bilhões na carteira. É a maior carteira do mercado nesse segmento. Temos 22,9% de marketshare. E a inadimplência no período em 12 meses caiu e está praticamente estável em relação ao 4T com 1,28% de inadimplência. O CDC salário teve um crescimento de 8,7% em 12 meses atingindo R\$ 19,2 milhões e a inadimplência vem reduzindo ao longo do período atingindo 2,3% no final do 1T. A carteira de veículos, por sua vez, teve um decréscimo de 5,3% e essa carteira orgânica do Banco do Brasil atingindo R\$ 22,6 bilhões, e a inadimplência mesmo com a redução da carteira continua bastante estável a 0,93%, com um pequeno incremento de 3,0 bps em relação ao trimestre anterior.

No slide 11 temos a carteira de PJ ampliada. Essa carteira teve um decréscimo de 0,9% em 12 meses. A maior parte desse impacto veio da carteira de MPE que reduziu em 9,3% atingindo R\$ 91,1 bilhões no final de



março, enquanto que a carteira de médias e grandes empresas e governo cresceu 2,4% sobre março 2015. Teve também um pequeno decréscimo em relação a dezembro, saindo de 271 para 257,4.

No slide 12, passamos o agronegócio. Como pode ser notado tivemos um crescimento de quase 10,0% na carteira de agronegócio do BB atingindo quase R\$ 180,0 bilhões no final de março. Continuamos sendo líder de mercado com 61,2% de participação. O maior crescimento veio na carteira agroindustrial, o que aconteceu ainda no ano passado, com 19,8% e a carteira de PF também cresceu 6,1%. Gostaria de destacar que as operações de custeio da safra 2015/2016 atingiram R\$ 42,1 bilhões, um crescimento de 37,5% na comparação com o mesmo período da safra passada. Essa safra teve total desembolso de R\$ 59,8 bilhões, 7,5% maior que o total desembolsado no plano Safra 14/15 nos primeiros 9 meses da safra. A grande diferença aqui de performance está relacionado ao investimento, que neste período teve um pequeno crescimento. E o uso de mitigadores continua bastante importante no nosso portfólio e a gente apresenta aqui quase 65,0% do custeio agrícola com cobertura de algum mitigador.

No slide 13 nós começamos a falar sobre inadimplência da carteira e o risco médio. Nosso risco médio encerrou março de 2016 em 4,87, bastante abaixo ainda do risco médio do SFN. E a nossa INAD90 encerrou em 2,60 ao final de março 2016, também bastante abaixo do apresentado pela média do SFN. A INAD+15 dias a gente teve um pequeno, um bom aumento na inadimplência da PJ que chegou a 7,07%. A INAD90 encerramos PJ em 4,01, a PF em 2,41 e o agronegócio em 1,19.

No slide 14, nós trazemos a performance por safra na carteira de PF e na carteira de MPE. Como vocês podem notar, as safras mais recentes tem tido



uma performance melhor do que seria esperado, dado o cenário que vivemos de recessão, em quase 2 anos agora.

No slide 15, trazemos a formação da inadimplência com duas visões. Na primeira visão, no topo do slide, vemos a tradicional formação de inadimplência considerando somente a inadimplência 90 dias que atingiu 7,39, um percentual de 1,03. Mas como vocês podem notar, ao longo de toda a série, o BB normalmente faz mais do que 100,0% de provisão em relação à nova inadimplência. O fluxo de provisão no trimestre em relação à nova inadimplência do trimestre, fechando nesse quarto em 123,8%. Na parte de baixo, nós refizemos a série da INAD90, da nova inadimplência +90 dias agregando a parte da carteira renegociada por atraso que são os empréstimos que tinha atraso acima de 90 dias no período, ou seja, aqueles que se não tivessem sido renegociados teriam impactado a nossa inadimplência de 90 dias. Fazendo essa série com esses ajustes, desde setembro/14 vocês podem ver que o comportamento da formação da inadimplência tem mostrado um aumento totalmente alinhado com o que a gente tem visto no mercado e atingiu 1,18. E a cobertura de provisão sobre a inadimplência nova tende a ficar perto de 100,0% e nesse período ficou em 107,97%, apesar de não concordarmos com essa forma de olhar a carteira renegociada e recolocar ela de volta para a formação da inadimplência.

Na carteira 16, trazemos a qualidade da carteira com saldo de provisão, as coberturas e as despesas de provisão por segmento. A nossa cobertura da inadimplência de 90 dias continua num patamar bastante confortável de 194,0%. A média do SFN é de 168,57%. Trazemos nesse slide também como se comportou a cobertura da inadimplência de 15 dias que nesse trimestre foi de 104,05% e tem sido acima de 100,0% na maior parte dos trimestres



passados, mostrando que o que a gente faz de provisão está adequado para o risco dos nossos negócios. Em termos de provisão por segmento, o segmento que traz maior volume de provisão é o de PJ concentrado em MPE e também nas médias empresas de faturamento menor.

Indo 7 para o slide 17, nós trazemos a carteira renegociada. Como vocês podem notar, nosso saldo de renegociação por atraso atingiu R\$ 22,0 milhões ao final do 1T2016. Vale destacar que as contratações no período em 12 meses subiram duas vezes, saindo de R\$ 1,8 bilhão para R\$ 3,6 bilhões, enquanto que o recebimento de principal e juros menos a capitalização de juros, atingiu R\$ 450,0 milhões ao final do último trimestre, um crescimento de 4,5x o que a gente recebeu no 1T do ano passado. É uma performance bastante boa, mostrando que estamos recebendo mais do que a gente está renegociando. Para ajudar a entender a performance dessa carteira, nós trouxemos para vocês também a formação da inadimplência somente da carteira renegociada, e seu índice de cobertura. Como vocês podem ver, nós estamos em 9,71%. É uma carteira mais arriscada, que sem dúvida nenhuma tem uma inadimplência maior mas mesmo assim, mesmo com uma inadimplência de 19,5% no trimestre isso está dentro da nossa faixa histórica de 18-20%, demonstra que a renegociação é um instrumento correto para ser utilizado para o momento que nós estamos vivendo.

No slide 18, já trazemos a margem financeira do BB, com um crescimento de 13,7% como foi mencionado anteriormente. O destaque é o crescimento de receita financeira com operações de crédito que atingiu R\$ 25,5 bilhões, um crescimento de 16,5% sobre o 1T2015. Nosso spread global ficou em 4,8% e o spread por segmento vem apresentando melhora ao longo dos trimestres,



atingindo 15,8% para PF, 5,9% para PJ, 4,8% para o agronegócio e 7,5% para a carteira de crédito.

No slide 19, mais detalhes sobre a margem financeira e a sua performance ao longo dos trimestres passados em 2 anos. Temos tido um aumento constante da nossa receita financeira de crédito, como eu já mencionei, atingindo R\$ 25,5 bilhões. E na parte de baixo trazemos também a despesa com captação que também tem um comportamento como percentual da SELIC bastante estável ao longo do período, ficando em 75,4% da taxa Selic, mesmo considerando que o depósito à vista, que tem um custo zero, teve uma redução no seu saldo ao longo do período que deveria impactar subindo essa taxa média mas mesmo com essa redução a gente manteve o nosso custo de captação bastante estável ao longo do período.

No slide 20, trazemos informações sobre rendas de tarifas. O total de tarifas coletadas no final do 1T2016 foi R\$ 5,558 bilhões, um crescimento de 2,5% sobre as rendas capturadas no 1T do ano passado. Nesse slide trazemos também um ajuste nessas rendas de tarifas para podermos comparar o que seria as receitas de cartão de crédito que não migraram para a Cateno ao final do 1T do ano passado. Apenas para poder comparar e para ver qual a performance real do nosso negócio de cartão de crédito e débito. Então, fazendo essa exclusão das receitas de intercâmbio que migraram para a Cateno de janeiro e fevereiro do ano passado, nós teríamos um crescimento ao longo, na comparação trimestre a trimestre, de 16,9%, é uma performance também bastante boa. E a renda de tarifas no total com esse ajuste teria tido um crescimento de 10,8%.

No slide 21 trazemos informações sobre a BB Seguridade. O lucro ajustado da nossa empresa, nosso braço de seguros atingiu R\$ 957,0 milhões ao final



do 1T2016, nesse trimestre, e a gente mantém liderança no mercado com destaque para previdência aberta e capitalização, com participações de mercado expressivas.

No slide 22, nós trazemos informações sobre os canais de atendimento. A mensagem principal que eu gostaria de passar aqui é a inovação. É um investimento que o Banco do Brasil vem fazendo ao longo dos anos na inovação para melhorar o serviço prestado aos nossos clientes, melhorar a satisfação do cliente e a margem obtida com cada um deles. Um dos destaques, é uma novidade que nós temos recentemente é o App Ourocard que é uma forma nova de relacionamento onde via o app o cliente consegue gerenciar na totalidade os seus cartões de crédito, inclusive fazer os pagamentos, agilizando o processo de pagamento via as maquininhas que já existem no país que aceitam [20:00]. Um outro produto, Ourocard E, que já está há bastante tempo no mercado, ele é utilizado principalmente para compras via internet. Os nossos canais de atendimento automatizados representaram já 82,2% de todas as transações realizadas pelo Banco do Brasil. Um destaque maior é o crescimento no número de transações realizadas via o mobile banking do Banco do Brasil, 82,0% de crescimento no período.

No slide 23, trazemos a informações sobre despesas administrativas e eficiência. Como vocês podem notar, nossa eficiência saiu de 43,2% no 1T2015 para 40,8%, uma performance bastante boa, com destaque para manutenção das outras despesas administrativas num nível bastante baixo e inclusive um pequeno incremento apenas na parte de despesas de pessoal em relação ao 1T2015.



No slide 24, trazemos nosso índice de Basileia, que fechou o trimestre em 16,24%, para um mínimo requerido pelo Banco Central neste ano de 10,5%. Nosso índice de capital nível I é 11,38% e capital principal 8,26%.

No slide 25, fazemos um exercício do que seria o nosso índice de Basileia e capital nível I fazendo antecipação das deduções e antecipação das regras de RWA da Basileia III. O índice de Basileia sairia 16,2% para 15,3% e capital nível I de 11,4% para 10,5%. Nesse slide nós também trazemos o que seria o impacto do consumo de crédito tributário no período. Com esse consumo de crédito tributário o índice de Basileia voltaria para 16,2% e o capital nível I voltaria para 11,3%.

Por fim, no slide 26, nós temos o guidance para este ano. Como vocês podem ver, nós revisamos o guidance para RSPL ajustado, saindo de 11-14% para 9-12%; e também de PCLD, de 3,7% a 4,1% para 4,0-4,4%. Essa revisão é feita principalmente por conta da provisão extraordinária que está dentro do nosso resultado ajustado feita por um cliente específico. Após essa provisão realizada no 1T nós avaliamos que seria adequado fazer a revisão no guidance. Os demais guidances estão mantidos e em termos de performance nós ficamos acima do guidance na margem financeira bruta, com 13,7%, no crescimento da carteira de PF, com 8,7%, no crescimento da carteira de agronegócio com 9,8%, e abaixo do guidance que é positivo em despesa administrativa, com 2,5%. A renda de tarifas ficou abaixo do guidance também, mas como eu mencionei, o impacto pontual nesse trimestre na comparação com o trimestre do ano passado relacionado às rendas de intercâmbio do Arranjo Ourocard. Ao longo do ano, com a diluição desse impacto em 12 meses a tendência é que a gente vai ficar dentro do guidance como demonstrei aqui. Se não tivesse considerado essas receitas no 1T do



ano passado a gente já estaria com 10,8% de crescimento. Mas também não atingimos o guidance de crescimento da PJ que ficou em -0,9. Com isso encerramos a apresentação. Eu gostaria de abrir agora para perguntas e respostas. Obrigado.

OPERADORA – Senhoras e senhores, iniciaremos agora a Sessão de Perguntas e Respostas. Para fazer uma pergunta por favor digitem *1.

Nossa primeira pergunta vem do Sr. Tiago Batista, do Itaú BBA.

BATISTA – Pessoal, bom dia. Bom dia José Maurício, bom dia Bernardo. Eu tenho duas perguntas. A primeira é em relação à provisão. Obviamente a provisão de vocês nesse trimestre foi bem alta, aparentemente deve ter um pedaço ali que é meio atípico e se você olhar o guidance que vocês divulgaram, o novo guidance que vocês divulgaram de PCLD, dá para ver que vocês estão imaginando uma queda material de provisão nos próximos trimestres. Eu fiz uma conta bem simples, mantendo a carteira média do 1T constante, a gente está falando aqui que a provisão para os próximos trimestres teria que ser algo um pouquinho acima de R\$ 7,0 bilhões para o trimestre. Eu só queria confirmar que é isso mesmo, se vocês estão convictos que a provisão deve ter uma queda material nos próximos trimestres, saindo como base R\$ 9,0 bi e pouco nesse trimestre. E a segunda, em relação à cessão de carteira. Lendo o relatório de risco de vocês, é possível ver que vocês fizeram a cessão acho que de uns R\$ 2,0 bilhões mais ou menos de carteira nesse trimestre. Vocês podem dar um pouco mais de detalhe que tipo de carteira que era essa, se era uma carteira já baixada, carteira em atraso, PJ, PF, se isso teve algum impacto material no resultado de vocês?



COELHO – Bom dia, Tiago, obrigado pelas perguntas. Começando pela primeira, a provisão a gente teve um caso específico bastante grande nesse trimestre. Se tirar esse caso não deve acontecer nos próximos então em relação a esse trimestre vai cair com certeza. E a nossas perspectivas está exposta no guidance novo que foi revisado. A questão da cessão da carteira, isso é uma coisa que a gente faz periodicamente, é sempre de créditos baixados para prejuízo e a gente só faz cessão de carteira para nossa própria empresa chamada Ativos S/A, que é consolidada 100,0% com o Banco. Então não existe nenhum impacto em nada nos nossos números quando a gente faz essa cessão de carteira pela Ativos S/A, tá? É só baixado para prejuízo, não configura recuperação de crédito porque a gente elimina isso na consolidação, então não afeta nenhum dos números que a gente divulga.

BATISTA – Perfeito. Obrigado pelas respostas.

OPERADORA – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Francisco Kops, do Banco Safra.

KOPS – Bom dia a todos. A minha primeira pergunta é sobre tesouraria. Eu só queria entender um pouco, está todo mundo esperando realmente um ambiente de queda de taxa de juros para o Brasil nos próximos trimestres e, enfim, no próximo ano. Vocês têm uma posição aí bem razoável, net pré-fixado no ativo de vocês e negativa em CDI. Isso não deveria favorecer o resultado de tesouraria de vocês nesse ambiente de queda de juros? Eu só queria entender o impacto que isso pode ter na margem de vocês daqui pra frente. Obrigado.

COELHO – O Banco tem baixa exposição a taxa de juros no composto de seu portfólio. Então, variações de taxa Selic são neutras pro Banco do Brasil no



médio e longo prazos. Ela tende a ser ligeiramente positiva no curto prazo só por conta de velocidade de ajustes do portfólio, então seria positivo no curto prazo e neutra no médio e longo prazo. Isso afeta a carteira como um todo, porque é um composto de situações exatamente para trazer esse portfólio para uma posição neutra em relação a taxa de juros, então não há impacto em tesouraria, as coisas trabalham em conjunto, OK?

KOPS – OK. Uma segunda pergunta. Vou só fazer um follow-up aí também na questão de PDD, inadimplência. O que a gente notou que realmente teve uma PDD bem pontual aí na carteira do exterior, um caso específico, quase R\$ 2,0 bilhões, que foi bastante compensada pela queda na PDD adicional de vocês, ou seja, quase como se os R\$ 9,0 bi fossem sem o efeito desse cliente específico. Então eu queria só entender um pouco assim da onde está vindo realmente essa piora tão grande no NPL ratio de vocês e pra você explicar um pouquinho como é que funciona a regra interna para provisionar, pra PDD adicional, porque são alguns casos específicos que estão lá na PDD adicional ou não, é um modelo mais genérico. Se pudessem explicar mais para a gente sobre essa baixa nessa PDD adicional seria ótimo também. Obrigado.

ROTHER – Obrigado. Falando primeiro sobre o adicional. Quando a gente criou o adicional no terceiro quarto, vocês podem recordar que a gente mencionou que ela tinha uma função específica, quando a gente faz adicional ela é criada com regras, no Banco do Brasil é assim que funciona, a gente tem que dizer por que está fazendo e quando que ela seria utilizada, então tem gatilhos nessa criação desse adicional e como um gatilho foi adicionado agora a gente reverteu o adicional. O valor dessa PDD nesse caso específico foi de R\$ 2,020 bilhões e esse foi exatamente o valor do adicional que foi revertido. Então, para o futuro, se outros gatilhos forem acionados a gente vai reverter



adicional e jogar ela pra dentro da provisão regular, com isso afetando o resultado ajustado. É assim que acontece, esse é o procedimento do Banco do Brasil. Regras pra criação e regras também para transformar adicional em regular. Sobre a piora do NPL formation, a nossa inadimplência está concentrada em MPE e as médias empresas até R\$ 200,0 milhões, então é um segmento de maior exposição à situação do mercado. Então, é um reflexo da dinâmica de mercado atual com queda de vendas, é isso que tem feito, mas totalmente alinhado com o comportamento da inadimplência desse segmento de todos os bancos.

KOPS – Tá bom. Obrigado.

OPERADORA – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Lucas Lopes do Credit Suisse.

LOPES – Bom dia Maurício, bom dia Bernardo. O Banco tem um disclosure legal do NPL da safra de PF, veículos e PME. Chama a atenção que apesar dos esforços de risking do Banco nos últimos anos que contribuíram para a queda de veículos e SME por exemplo, a carteira de 2015 está performando muito pior que a de 2012 e 2013 para os 3 segmentos, e para veículos, particularmente, a safra de 2015 é a pior da história. Como é que vocês estão enxergando de fato as novas safras e até que ponto vocês estão sendo mais conservadores na originação e quando que isso vai se traduzir em melhora nos indicadores de qualidade de crédito? Depois eu volto com a segunda pergunta.

ROTHER – Lopes, bom dia. Primeiro, a safra de veículos nova mas [31:34] pode dizer que ela está ainda num nível bastante baixo. Olhando na página 60, no inglês, e deve ser a página 61 do português, você pode ver que ela



passou ligeiramente do 1,5, ou seja, é uma inadimplência, comparando com a inadimplência do mercado, é extremamente baixa. A gente não está vendo nada de muito diferente na carteira, só é um fato que o mercado está um pouco diferente, essa carteira está caindo e apesar de estar caindo a inadimplência geral dela aumentou pouquíssimo, R\$ 3,0 bi de um trimestre para o outro. Então é uma performance que eu considero uma performance muito boa, uma situação como está no mercado a gente ter uma inadimplência um pouco acima de 1,5 na safra de 2015, quando mercado roda acima de 4, perto de 5,0%, então eu não vejo isso como uma preocupação, é algo que a gente está trabalhando, controlando, a gente gostaria sempre que a inadimplência ficasse abaixo de qualquer nível, abaixo até de 0.93, mas também tem um fator, quando você trabalha com inadimplência zero provavelmente você está perdendo negócio, porque nossa função é tomar risco, então eu não busco ter 0% de inadimplência numa carteira, eu busco ter uma inadimplência controlada e baixa, pra ter retorno sobre o risco assumido.

COELHO – Se você me permite um complemento, Lucas, nesse cenário atual que a gente está vivendo, é natural que a gente veja uma elevação de inadimplência em várias das carteiras em função do que está acontecendo, a manutenção do cenário macroeconômico traz como consequência isso, é natural essa oscilação. O processo de crédito e gestão do crédito como um todo ele continua muito forte e por isso que a gente continua com a inadimplência bem abaixo da média do sistema também, mas é natural algum tipo de oscilação num cenário de retração macroeconômica como a gente tem visto.



LOPES – Está claro, pessoal. Se me permitirem uma segunda? Antes, o discurso de vocês era na linha de que o NPL subiria moderadamente e atingiria o pico de do 1T2016 estabilizando nos trimestres seguintes. Quero saber como é que está essa visão de vocês, dado que a carteira normal subiu muito, subiu R\$ 5,0 bi trimestre contra trimestre, se não me engano isso não tem precedente. O NPL, de 590 aumentou quase 90 bps sendo que o saldo desse NPL disparou quase 30%. Como é que você espera a evolução do NPL de 90 dias até o final do ano e quando é que se consegue dar um palpite de quanto seria o pico da inadimplência? Obrigado.

COELHO – Lucas, o comportamento da inadimplência, novamente eu friso, ele está bem aderente ao que está acontecendo com o cenário macroeconômico, porque isso não está acontecendo só com o Banco, está acontecendo com toda a indústria bancária que está afetada na mesma intensidade muito parecida. Falar em uma nova perspectiva ou uma melhora, quando isso acontece, é muito difícil mas está totalmente ligado à melhora da dinâmica da economia, assim que a dinâmica da economia melhorar a tendência é de o índice de inadimplência se estabilizar e depois começarem a melhorar. Pra nós e pra toda a indústria.

LOPES – Está certo. Obrigado.

OPERADORA – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Eduardo Rossman, do BTG Pactual.

ROSSMAN – Bom dia a todos, eu tenho duas perguntas. A primeira ainda é um follow up nessa questão do PDD, porque eu entendo que vocês talvez estejam sofrendo um pouco mais com a questão da provisão mais alta porque é carteira corporate. Acho que a exposição de vocês na carteira corporate



entendo eu que de certa forma é parecida com a dos outros bancos, só que vocês têm uma exposição muito menos arriscada na carteira PF. Então eu queria entender se a gente começar a ver uma melhora aí no ambiente corporate, se dá para imaginar que as provisões vão desacelerar bem talvez aí, talvez em 2017, mesmo que o desempenho continue subindo, né. Então, eu queria entender como é que vocês estão vendo essa dinâmica, se porque quando olha a performance da carteira PF eu vejo que o nível de provisionamento está tendo comportamento muito bom. Essa seria a primeira pergunta. A segunda pergunta é sobre Basileia. Eu queria saber como vocês estão vendo o nível de capital principal de vocês. Ele fechou o trimestre em 8,3%, uma queda de 40,0 bps versus o 1T do ano anterior, mesmo com a desaceleração grande dos ativos, né? E acho que nos próximos 12 meses até o mesmo guidance que vocês indicam a gente vai ter provavelmente um retorno mais baixo do que a gente teve nos últimos 12 meses. Então o que de certa forma pressiona também esse índice para baixo. Eu sei que vocês já anunciaram a redução do payout, só queria saber então se vocês acham que a redução do payout de 40 para 25 já é suficiente ou vocês acham que vão ter que fazer mais coisa, se vocês acham que o payout vai ter que ficar no nível de 25,0% por mais tempo, vocês pensam em vender ativos, se vocês puderem falar um pouco sobre isso eu agradeço. Obrigado.

ROTHER – Bom dia, Rossman. Começando com a PDD, depois eu passo a parte de capital. A PDD da nossa carteira PJ tem aumentado, mas concentrado em MPE, tá. Apesar de a gente fazer downgrades em toda a carteira independente do tamanho na medida em que for necessário, a concentração do que a gente tem de problemas, vamos dizer assim, de atraso, está vinculada à carteira de MPE e às médias empresas até R\$ 200,0 milhões como eu mencionei. Uma melhora no cenário para grandes empresas



tem efeitos positivos na provisão até pelo efeito contaminação positiva nas MPEs. Então, sem dúvida nenhuma se der uma melhora de cenário nas grandes empresas influencia positivamente toda a cadeia e influencia e tem efeitos positivos no nível de provisão para todos os bancos do mercado. Então, é algo que se acontecer será positivo para a indústria como um todo.

COELHO – Rossman, com relação ao capital, se você observar de setembro de 2015 pra cá, nos últimos 3 trimestres, a gente passou de 8,07 para 8,26, mesmo com o aumento das deduções de 40 pra 60%. A medida da redução do payout foi importante nesse cenário, ela é uma medida que já estava no nosso planejamento, vai continuar, não sei se é essa a sua pergunta, se a gente vai manter esse nível de distribuição de dividendo, ele continua, ele é parte importante da recomposição que a gente está fazendo. Temos outras medidas, temos gerenciado também o crescimento da carteira de crédito, temos procurado linhas de menor risco, portanto com provisões menores também. São vários fatores que temos feito ao mesmo tempo na gestão dos negócios como um todo, além de outros fatores também como esse da redução do payout. O que a gente tem dito, e a gente não pode antecipar nenhuma medida por conta das nossas regras internas, é que estaremos com 9,5 em 2019, isso aí você pode ficar tranquilo. Você sabe que a gente tem um planejamento muito forte em cima disso, a gente tem uma disciplina enorme nesse tema. Atualmente a regra pede 11,0%, a nossa regra interna é 13,0%, e a gente nunca chegou a 13,0%, aliás nem perto disso, então a gente tem uma disciplina grande. Mas infelizmente não podemos antecipar o que seria feito. Mas o compromisso é de 9,5 de capital principal em 2019 permanece como a gente tem dito.

ROSSMAN – Está claríssimo. Obrigado.



OPERADORA – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Gustavo Schroeder, do Bank Of America.

SCHROEDER – Bom dia, pessoal, pela oportunidade. Eu vou fazer duas perguntas. A primeira é mais um follow up e acho que é rápido. O Bernardo comentou com a gente esse caso específico que vocês tiveram que fazer a provisão agora no 1T, e colocou que isso não deve se repetir nos próximos trimestres. A gente pode concluir aqui que esse caso específico está 100,0% já provisionado então ou ainda tem alguma coisa para passar desse caso específico para frente? A minha segunda pergunta é relacionada à margem. A gente viu que ela teve um comportamento bem satisfatório nesse trimestre, ela cresceu bastante. Eu queria entender: o que a gente pode esperar daqui pra frente, se ainda tem espaço pra ela continuar expandindo nesse patamar, e se vocês vêm com alguma preocupação em relação à margem uma potencial redução da Selic no final desse ano ou no começo do ano que vem, como, vamos dizer assim, grande parte do mercado já espera? Se você pudesse colocar o que vocês esperam de margem agora para esse ano e talvez pro ano que vem seria interessante. Obrigado.

ROTHER – Bom dia Gustavo, obrigado. Sobre o caso do PDD é um caso específico, a gente não pode abrir detalhes sobre nenhum cliente, então não dá para responder a sua pergunta porque estaria abrindo detalhes sobre um cliente, o que eu não posso fazer. Sobre a margem, eu já havia comentado, a gente tem uma posição no portfólio como um todo e nos ativos do Banco que é bastante neutro em relação à taxa de juros, a exposição à taxa de juros é muito baixa. Então a margem não é afetada pela redução da taxa Selic no médio e longo prazo, tem um impacto positivo. Se a gente vem fazendo e vai continuar fazendo ao longo desse ano, até pela característica do nosso



portfólio ter uma duration maior é continuar reprecificando as nossas linhas de crédito. Então, os impactos positivos dessa reprecificação vão acontecer ainda ao longo do ano, isso está dentro do nosso guidance que mostra que a gente vai crescer a margem financeira bem mais do que vamos crescer a carteira de crédito em si. Então essa é uma dinâmica que vai continuar acontecendo ao longo do ano como está explícito no nosso guidance, OK?

SCHROEDER – Está ótimo. Só um follow up na pergunta de provisão? Eu entendo as regras com relação ao cliente específico, mas é só para entender como você colocou que isso não deve se repetir, é só para entender, não deve se repetir esse nível de R\$ 9,0 bilhões? Enfim, é só pra por um pouco mais de cor aí nessa questão específica, dado que foi, como vocês colocaram, esse aumento foi em função de um cliente específico. Só para entender, ela deve voltar porque não tem mais nada relacionado a isso ou, enfim, é só para tentar entender melhor isso.

ROTHER – OK. O caso específico é uma provisão de R\$ 2,0 bilhões. A gente não vê outros R\$ 2,0 bilhões acontecendo ao longo do ano, então a tendência é as provisões dos próximos trimestres virem abaixo esse trimestre, alinhado com o que está no nosso guidance. Então o guidance te dá melhor a leitura do que a gente espera de provisão para os próximos quartos. OK?

SCHROEDER – Está ótimo. Obrigado.

OPERADORA – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Rafael Frade, do Bradesco.

FRADE – Bom dia a todos. Tenho duas perguntas. Uma, fazendo um follow up na questão do capital, no trimestre vocês tiveram um, exatamente um



aumento, tiveram um bom desempenho principalmente se a gente considerar o aumento das exclusões e eu entendo que boa parte disso foi uma queda do RWA maior do que da carteira. Eu queria entender só o quanto vocês vêem que tem espaço para estar reduzindo o RWA, ou o RWA crescendo numa velocidade menor do que a carteira. Como é que a gente deveria olhar isso um pouco pra frente? E a segunda pergunta é um follow up com relação à margem financeira no que o Bernardo comentou que no médio prazo não tem um impacto com relação à taxa de juros. Eu consigo entender isso do lado do spread, mas tem uns componentes da margem financeira como o ganho que vocês têm na captação, capital de giro, o ganho sobre o resultado financeiro sobre capital próprio. Eu entendo que teria um impacto negativo de uma taxa de juros menor, olhando pra frente. Eu queria só entender enfim como vocês veem, o que pode compensar esses dois efeitos específicos na carteira?

ROTHER – Bom dia Rafael. Sobre o capital, a nossa estratégia vai continuar sendo diminuir a densidade dos ativos, ou seja, a gente vai continuar gerindo portfólio de ativos de modo a ter ativos que consumam menos capital, liberando capital dessa forma. Esse é um processo que não se encerra agora, vai continuar ao longo do prazo, faz parte da nossa estratégia de atingir o nosso objetivo de 9,5% em 2019. É parte do que a gente vem fazendo e vamos continuar fazendo. Sobre a margem, como você deve saber, todo banco toda hora faz teste de stress na carteira, faz avaliações da carteira. A gente estressou a carteira de várias formas para ver qual seria o impacto de uma redução por exemplo de 200 pontos na taxa Selic no nosso portfólio. É desprezível o impacto em capital e em margem. Por isso que estou te falando que é neutro, porque o composto dos nossos ativos dão esse resultado neutro de médio e longo prazo, positivo no curto prazo. É positivo no curto prazo porque a velocidade de reprecificação dos negócios é diferente, o que



influencia mais a margem como eu comentei é realmente os spreads. Enquanto não houver uma tendência de compressão de spread no mercado por competição, porque a gente não está vendo competição, não tem impacto em margem no nosso ponto de vista, OK?

FRADE – Perfeito. Obrigado.

OPERADORA – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Marcelo Cintra, do Goldman Sachs.

CINTRA – Bom dia a todos. Obrigado pela pergunta. A maioria dos meus questionamentos já foram respondidos, tenho só algumas dúvidas. A primeira é relacionada ao imposto. A gente vê aqui nesse trimestre especificamente vocês tiveram na verdade um benefício fiscal. Eu só queria entender melhor como o que foi que ocasionou esse benefício, como a gente deveria ver essa linha pra frente e se tem algum ajuste para esse trimestre. Obrigado.

ROTH – Obrigado pela pergunta, Cintra. É até bom pra eu mencionar, se vocês olharem no slide 34, a gente faz uma reconciliação do que é a taxa de imposto, o lucro antes de imposto realocado até a base fiscal e o imposto realocado chegando no que seria o imposto após todas as considerações de ajustes que a gente tem que fazer. Então se você não se importar de olhar na página 34 vão ver que a gente faz uma recolocada, recolocando tudo, os impactos que a gente tem pela realocação do resultado, quando você faz o resultado realocado a gente chega numa base fiscal de R\$ 4,1 bi. Da mesma forma, esse IR positivo de 659 também chega num IR final de 1,845 que dá a taxa de imposto de 45,0%. Quais são os principais impactos que levaram no realocado essa figura positiva de imposto? O principal deles é o imposto sobre itens extraordinários. O principal itens extraordinários, a gente



conversou aqui é a reversão do adicional de R\$ 2,020 bi no caso do Banco, o resto é do Banco Votorantim. Então, imposto sobre item extraordinário, se você devolver isso pro imposto já faz esse número ficar positivo. Outro ponto que é sempre bom vocês fazerem ajuste, acho que boa parte dos analistas vem fazendo esse ajuste, é que o resultado de equivalência patrimonial vem líquido de imposto. Então, se você considerar o imposto que já está embutido nesse resultado da equivalência patrimonial e aqui a gente coloca 461, isso também já eleva essa taxa de imposto para perto de 30,0%. Mas aqui você tem todos os benefícios que a gente tem, você tem o benefício da JCP, benefício do PLR, a questão do hedge fiscal e o outros, ele é até positivo, que vem aqui, é resultado da diferença de imposto nas coligadas que a gente continua consolidando linha a linha, por exemplo a corretora de seguros da BB Seguridade. Então, a corretora é controlada pelo Banco então está consolidada linha a linha, tem diferença de imposto, tem diferença no imposto nas Ativos S/A, tem diferença de imposto na BB DTVM e por aí afora. Então esses impactos estão aqui e aqui também tem os impactos dos negócios que a gente faz, por exemplo, com fundos constitucionais que estão isentos de imposto. Então, o resultado do negócio que eu faço utilizando esses recursos constitucionais eles vêm líquido de imposto porque são isentos, então também dá um impacto nessa conta aqui que a gente faz. Esse quadro, eu tenho que explicar exatamente da onde que eu vou e pra onde que eu chego, como eu chego nos 45,0% que é minha taxa de imposto geral. Mais detalhes, minha equipe está à disposição para ir no detalhe, que eu acho que agora fica muito difícil de a gente fazer isso nessa conferência, mas a equipe está à disposição. Vocês podem ligar para a equipe em SP que a gente pode passar item a item no detalhe com cada um de vocês.



CINTRA – Perfeito. Muito obrigado. Ficou bem claro. Qualquer follow up eu faço offline depois. Minha segunda dúvida era um pouco mais específica: na hora em que a gente olha aqui o resultado da Previ, do Plano 1, a gente vê aqui que teve meio que um prejuízo de R\$ 110,0 milhões nesse trimestre. Na hora que a gente olha no resultado atuarial já vê um déficit no Plano 1. Eu só queria escutar de vocês como a gente deveria ver isso pra frente. A partir de agora a gente deveria ver recorrentemente um prejuízo nessa linha ou isso pode voltar? Como que a gente deve ver isso? Obrigado.

ROTH – Olha, o segundo quarto agora, o 2T, esse número é fechado sempre no início de cada semestre, então ele não varia de trimestre a trimestre. Então o 110 vai acontecer novamente no 2T. Quando que vai ser no próximo semestre, isso vai ser depois da reavaliação dos ativos e passivos da Previ quando você vai ter uma ideia do que será esse número. Porque esse número é composto de custos correntes, que é um número dado pelo atuário, então é uma despesa de pessoal. E tem receita de juros sobre o ativo e despesas de juros sobre passivo que dá um número final por conta da situação hoje da Previ, de déficit, dá um número negativo no final. Mas se a situação da Previ reverter isso pode virar positivo de novo no 2S. A princípio a Previ já divulgou o resultado parcial e já teve superávit esse ano. Não é suficiente ainda pra cobrir o déficit mas dentro da visão Previ, que é diferente da nossa, a gente calcula de forma diferente mas se reverter a posição de déficit para superávit a gente pode voltar a ter um número positivo. De qualquer forma, eu só vou ter esse número depois do 2S que é quando a gente faz a reavaliação toda dos ativos e passivos da Previ de novo.



CINTRA – Claro, tudo bem essa dinâmica, a gente tem algum tempo aqui pra primeira vez pelo menos que eu me lembre vejo esse número negativo aqui, né? Mas tudo bem, então, obrigado, pelas respostas.

OPERADORA – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Felipe Salomão, do Morgan Stanley.

SALOMÃO – Bom dia Maurício, Bernardo, João, obrigado pela oportunidade. A maioria das minhas dúvidas também já foram respondidas. Só faltou uma: é com relação à receita de tarifas de cartão de crédito e débito. Ficou claro o gráfico que vocês mostraram, a tabela que vocês mostraram na apresentação, mostrando o impacto do investimento da Cateno, mas eu queria focar especificamente na evolução tri contra tri, no 1T2016 versus o 4T2015. As receitas de fees de cartão de crédito ficaram 27,0% no tri. Eu entendo que é uma sazonalidade, mas 27,0% me parece ser um número muito alto, especialmente quando a gente olha para o pipeline da Cateno, pelo resultado da Cielo, o pipeline da Cateno caiu 9,0% no tri. Então, eu queria pedir um pouco mais de informação ou uma ajuda para entender o que aconteceu com as receitas de crédito e débito. Obrigado.

ROTHER – Bom dia, Felipe. Obrigado pela pergunta. A questão do cartão de crédito, o problema não é que o 1T veio baixo, abaixo do que explica a sazonalidade, é que o 4T veio bastante bem, foi um número bastante bom. Então teve um crescimento muito grande no 4T e agora era esperado estar dentro das nossas previsões essa performance um pouco mais contida nesse trimestre. Por isso é que é sempre importante olhar também o trimestre contra trimestre, que mostra esse crescimento de 16,9. A gente não vê essa redução com preocupação, dada a sazonalidade do negócio. E a gente entende que isso aqui, o geral das nossas rendas de tarifas vai convergir pro guidance



como eu já mostrei que já estaríamos dentro dele tirando o efeito da migração de receitas pra Cateno.

SALOMÃO – Tá bom, Bernardo. Obrigado. E alguma ideia do porquê da discrepância entre os números da Cateno e os que vocês reportaram, os 9,0% de queda versus 27,0% que vocês reportaram?

ROTHER – Olha, a Cateno, o intercâmbio que vai pra Cateno é do Arranjo Ourocard. Então o arranjo Ourocard cobre os principais negócios dos nossos clientes. O que fica no Banco hoje, que está aqui nesse número que a gente reporta, é o intercâmbio dos negócios que não foram pra Cateno. Aqui tem uma dinâmica diferente. Aqui tem coisas que está relacionado a tipo de diferentes cliente, pré pago, etc, então tem uma dinâmica que é um pouco diferente da Cateno, não necessariamente segue o mesmo padrão, porque os nossos clientes principais estão lá. O que fica aqui são coisas acessórias que a gente ainda tem e não só isso né, porque aqui não tem só intercâmbio, aqui tem todas as tarifas que a gente tem além de intercâmbio. As tarifas de anuidade e por aí fora. Então tem épocas em que você cobra mais tarifas, porque o nosso padrão de cobrar tarifa não é, no cartão de crédito por exemplo, é parcelas mensais, são 6 parcelas ao longo do ano, ou 3 parcelas ao longo do ano. Então tem esses efeitos de colocação de tarifas ao longo do ano que não necessariamente acontece por exemplo no 1T. Então tem várias coisas que estão aqui envolvidas que não fazem que o nosso comportamento de tarifas de cartão de crédito e débito sejam correlacionados com o que acontece na Cateno.

SALOMÃO – Está bom. Obrigado.



OPERADORA – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Diego Ciccone, do Scotia Bank.

CICCONE – Bom dia. Eu queria na verdade voltar um pouquinho nas provisões. Ajustando a provisão do período para esses R\$ 2,0 bilhões do cliente específico a gente chega a mais ou menos R\$ 7,0 bilhões, que é bem parecido com o nível do trimestre passado. No entanto a inadimplência foi bastante mais alta do que no trimestre passado. Eu sei que vocês já falaram que o nível que a gente pode esperar para os próximos trimestres vai ser menor do que os R\$ 9,0 bilhões desse trimestre, mas eu queria entender se é correto afirmar que deveria ser também maior do que o nível ajustado de R\$ 7,0 bilhões. E minha segunda pergunta é sobre o cost income. A gente viu que vocês tem melhorado bastante os níveis de eficiência, eu queria saber se a gente deveria esperar esse nível estabilizado para os próximos trimestres ou como que vocês estão enxergando isso?

ROTHER – Bom dia, Diego, e obrigado pela pergunta. Sobre a PDD, realmente, se você tirar R\$ 2,02 bi do que a gente realizou na PDD ajustada daria um crescimento de 1,9% em relação ao 4T. A inadimplência e provisão não andam de braços dados, elas não tem comportamento igual em cada trimestre. Naturalmente, a provisão se antecipa à inadimplência, até por conta da regulação brasileira. Você começa a fazer a provisão, ao longo do tempo, antes mesmo de virar uma inadimplência 90 dias. Então, você constitui a provisão antecipada e o efeito, a tendência natural é que picos de provisão aconteçam antes até mesmo de ter um pico de inadimplência. Não estou dizendo que a gente chegou em pico de nada ainda mas só pra exemplificar que provisão não anda colado com inadimplência, tem comportamento um pouco antecipatório na provisão. Dessa forma, o que a gente tem feito de



provisão está adequado ao ritmo da carteira que a gente tem, até mencionou, da cobertura caiu um pouco, não é por questão de reversão adicional, não é por questão de cobertura... desculpa pelo barulho... não tem a ver com essa, com a reversão do adicional, porque o impacto é neutro, até a queda na cobertura tem mais a ver com o que a gente tem feito no portfolio. Como eu falei durante a apresentação, a carteira PJ está caindo participação no total do portfolio e tem aumentado pessoa física e o agronegócio, que gera provisão menor e com isso você tem esse impacto na redução de cobertura, que no nosso entender está perfeito do jeito que está e totalmente adequado ao perfil de risco que nós temos. A questão da eficiência, até a [59:56] do nosso guidance é que a gente persegue e vai continuar perseguindo melhora na nossa eficiência, buscando nosso resultado estrutural que não é impactado pelo conjuntural, não tem sido impactado pelo conjuntural, é de melhora constante, então o nosso objetivo é continuar melhorando olhando pra frente. É claro que ano após ano redução de 3,0% no índice de eficiência é muito difícil. Então, a velocidade da queda no índice de eficiência vai cair naturalmente porque a gente já vem de 3,0% e a tendência é ir diminuindo aos poucos ao longo dos próximos trimestres mas o nosso objetivo é continuar melhorando a eficiência do Banco.

CICCONE – Perfeito. Obrigado.

OPERADORA – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Eduardo Nishio, do Brasil Plural.

NISHIO – Obrigado a todos, bom dia. Eu tenho só uma pergunta em relação à carteira MPE, se pegar a safra nova, evolução, você vê uma piora na cauda, principalmente na cauda longa, também aí no 1T a gente teve recorde de empresas pedindo ação judicial, acredito que tenha muito relacionado às



PME, eu queria saber como vocês estão vendo esse segmento, o outlook dela, se vocês estão vendo as coisas já parando de piorar, né, um cenário talvez positivo. Ou vocês vêem ainda as pequenas e médias sofrendo ao longo do ano? Obrigado.

ROTHER – Obrigado Nishio. Sobre a carteira de MPE, que é onde concentra a inadimplência no momento no mercado como um todo, ela é muito influenciada, muito impactada também pela questão da recuperação judicial. Então, o que a gente vê pra frente? Se houver uma redução de recuperação judicial a tendência é que essa carteira tenha mais estabilidade. Os créditos nossos que a gente tem feito nessa carteira são com as empresas que tem ainda uma boa saúde financeira. Então é natural que durante um momento de crise, até por conta de diminuição da necessidade de capital de giro, a redução de investimentos que acontecem durante crises econômicas, impactem a demanda por crédito também nas carteiras. Então ela vai continuar caindo, a gente ainda não viu onde que estabiliza o volume que a gente tem com esse segmento, ainda não aparece a sinalização de estabilização então ela deve continuar caindo nos próximos trimestres mas a tendência natural é que as novas safras continuem vindo com uma performance melhor do que o esperado dada a crise que a gente está vivendo. Então a gente vê as novas safras performando melhor que as safras anteriores, dado o cenário por que estão passando. Então é um processo de ajuste da economia como um todo e com redução, mais à frente recuperação, recuperação judicial a tendência também é que a inadimplência pare de subir. OK?

NISHIO – Vocês estão vendo aí uma melhora no fluxo de caixa das empresas, já nesse meio do ano, ou ainda talvez a gente tenha aí [1:03:25] vem sofrendo ao longo desse ano? Tem alguma cor nesse sentido?



ROTHER - é muito cedo pra gente falar em melhora, pode até acontecer mas é muito cedo pra gente falar que esta melhorando

NISHIO - Perfeito. Ótimo. Obrigado.

OPERADORA – Encerramos neste momento a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de passar a palavra para o Sr. Bernardo Rother para as considerações finais. Por favor Sr. Bernardo, queira prosseguir.

BERNARDO ROTH – Eu queria agradecer novamente a participação de todos na nossa teleconferência e colocar toda a minha equipe de RI à disposição dos senhores para esclarecer qualquer dúvida que tenha permanecido. Muito obrigado e bom dia.

OPERADORA – A teleconferência do Banco do Brasil está encerrada. Agradecemos a participação de todos e lembramos que o material utilizado nessa teleconferência está disponível no portal BB, na página de RI. Agradecemos a participação de todos e tenham um bom dia.